

RÉDEAS PERDIDAS

Luís Fernando Amâncio Santos

Quando Agenor começou a despertar, o sono ainda marcava presença. Desejou fortemente que ainda fosse cedo e ele pudesse continuar dormindo. Ainda sem abrir os olhos, esticou o braço e teve a primeira evidência de que já era hora de levantar: ao seu lado, o vazio, onde estaria sua mulher. Muito cedo, então, não era. Depois, ele prestou atenção nos sons que entravam por sua janela. Carros já roncavam com seus motores pela rua, vozes de conversas fiadas passavam na calçada, o som ligado na padaria em frente... e a luminosidade não encontrava muita dificuldade em adentrar a barreira da cortina. Definitivamente, era hora de levantar, por mais que a vontade fosse a de continuar dormindo.

Sentou na cama para procurar os chinelos. Esse movimento, brusco, de certa forma, fez sua cabeça doer, como se, sobre ela, estivesse uma bigorna. Na cadeira ao lado, desajeitadas, estavam as roupas que ele usara no dia anterior. Já calçado, Agenor colocou uma bermuda preta, companheira dos momentos em casa, e foi para a cozinha. Pelo corredor, viu no relógio que eram dez horas e sete minutos. Era só mais uma manhã de domingo e ele não se importaria de dormir até que ela houvesse acabado.

Na cozinha, encontrou sua esposa já encaminhando o almoço. Cozinhava feijão, o arroz secava na pia e a carne também descongelava

por ali. Em cima da geladeira, um rádio sintonizava um programa com músicas de trilhas sonoras de filmes. Ao seu “bom dia”, a mulher apenas resmungou um, entre os dentes, sem olhar para ele, enquanto lavava panelas. Ela também vestia uma roupa que a acompanhava com frequência: o *short jeans* desbotado e uma camisa verde um pouco larga. Os cabelos estavam presos, pois ela só os soltava para sair e, mesmo assim, quando ia à lugares importantes.

Sem se incomodar com a pouca disposição da esposa em ser simpática, Agenor ficou ali pela cozinha. Pegou sua caneca azul clara, de lata, que ele usava exclusivamente para tomar água. Tomou umas três vezes seguidas e sentiu um olhar irônico da mulher. Ela estava insinuando que aquilo era ressaca. Que fosse. Mas ele tomava bastante água pela manhã, ela devia saber. Depois, pegou um copo americano no corredor e pôs café. Não estava de todo frio, mas o suficiente para descer com dificuldade em sua garganta. Café tinha que estar quente. Então, ele encheu o copo com leite, pegou um pedaço de bolo e foi para a sala. Se a mulher iria ficar mal humorada, que o fizesse sozinha.

Ligou a TV e sentou-se no sofá. O lugar em que ele habitualmente sentava já estava marcado, resultado de anos estirado por ali, cultivando uma barriga que já era respeitável. No próximo ano ele inteiraria cinquenta de vida, os médicos diriam que já passara da hora de ele cuidar da saúde, mas até que tivesse o primeiro enfarto ou problema similar, ele não o faria. Na televisão, só programas desinteressantes. Então ele ficou pulando de canal em canal, mania também de longa data. Ora programas evangélicos, ora campeonatos de futebol amador, vendas de relógios, de bugigangas, desenhos... Deixou, por fim, em uma disputa de triatlo, embora ele não desse a mínima para esses esportes.

Acabou de tomar o leite e de comer. Foi até a porta e saiu na pequena varanda, dando uma espiada na rua. Definitivamente, era domingo e só de olhar para fora de casa teve vontade de bocejar. Voltou para a cozinha, arrastando os chinelos com displicência. Encheu de

água da torneira o copo em que tomara leite. Nesse caminho, reparou que os filhos não estavam nos seus quartos e, como a casa era pequena, certamente não estavam em casa.

– Cadê a Marina, Ângela?

– Não dormiu em casa.

– Não? Então aonde?

– Na casa do namorado.

Agenor olhou bem para a esposa, que agora cortava a carne e continuava dando-lhe as costas. Queria ver algum sinal de que era brincadeira.

– Cê tá brincando comigo, né? Me responde direito, cadê a Marina?

– Não tô brincando, ela está mesmo na casa do namorado, passou a noite lá.

Ela não estava irônica, pra desgosto do marido. Ele que, nesse ponto, já estava tremendo de nervoso e quase atirando o quê porventura aparecesse em sua frente.

– Desde quando minha filha... Que absurdo, minha filha... E eu dei permissão?!!

– Você estava em casa para proibir, Agenor? Tá reclamando do quê?

Agora ela também estava falando quase aos berros. O diálogo já chegara na tonalidade de briga. Ângela podia estar em silêncio até então, mas estava zangada por o marido ter ficado no bar da esquina até altas horas. Não que fosse novidade ele passar as noites de sábado por lá, porém desta vez Agenor chegou em casa já eram três horas da manhã.

– Pois vocês sabiam onde eu estava, não sabiam? Foram lá me perguntar se eu deixava? Foram? Garanto que não, pois eu fiquei lá o tempo todo. E não venha me jogar na cara que eu não estava em casa, você sabe, eu parei de ir ao bar nos dias de semana, só vou nos sábados

e domingos. Só no fim-de-semana! Nem beber durante a semana eu tenho bebido e, merda, você sabe que não é fácil pra mim...

Controlar a bebida era um desafio que ele tomara diante da família. Não que estivesse totalmente controlado, até porque ele ainda tomava uma dose de pinga depois do almoço, o que Ângela não sabia. Porém, antes a situação era mais complicada e sua melhora estava visível.

– E não venha me jogar a culpa, porque se dependesse de mim a Marina sequer namoraria aquele vagabundo... Mas, onde é que já se viu, a menina tem 16 anos e dorme na casa do namorado! Merda, Ângela, você tá deixando ela virar uma vadiazinha!

– Pode parar, Agenor! O moço não é vagabundo, ele trabalha, é de boa família. E nossa filha não é vadia, sabe bem o que faz, e a educação dela é responsabilidade nossa. Minha e tua!

– Isso, exatamente por isso que deviam ter me perguntado se eu deixava. Vê se pode, fazer uma coisa dessas sem a minha autorização. Que inferno!

Encheu a caneca de água, novamente. Para acalmar. Com o casal quieto, o tema de “Cinema Paradiso” preencheu o ambiente. Agenor estava transtornado. Perdera as rédeas da casa pela qual trabalhava, não raro, dez horas por dia, dependendo das encomendas da carpintaria. Fora o tempo do deslocamento. Tudo isso para os filhos fazerem o que quisessem com a cumplicidade da mãe. “Merda”, ele resmungava. Foi para o quintal tratar dos passarinhos.

Voltou para a cozinha.

– E o Pedrinho, também dormiu fora? É?

– Não, Agenor. Ele foi jogar bola, todo domingo ele vai, não lembra?

– Claro que lembro, sou eu quem compro as roupas que ele usa, as chuteiras, pago a escolinha... Mas nesta casa eu já não sei de nada, né?

Perdera as rédeas da família, era isso o que ecoava na cabeça de Agenor. O que poderia fazer? Para resolver a situação, não fazia ideia. Todavia, ele sabia o que fazer para tornar aquele dia mais suportável. Era fácil. Olhou para o relógio, já passava das onze. O bar já estava aberto.